TL 1939

CTT CORREIOS

CLUBE DO COLECCIONADOR

1995/N.º 2
JUN/JUL/AGO

SANTO ANTÓNIO

CLUBE DO COLECCIONADOR

CTT CORREIOS

1995/N.º 2
JUN/JUL/AGO

Coleccionar

Quando os livros ainda não eram «aparados» e os leitores tinham de abrir os «cadernos», as facas de papel eram um objecto trivial. Hoje, além de úteis para abrir a correspondência ou para serem guardadas como *souvenir*, são também interessantíssimas peças de colecção.

2

Edições INAPA

A diversidade biogeográfica do País dá origem a uma enorme variedade de *habitats* propícios às centenas de espécies de *Aves de Portugal* que neles vivem todo o ano ou onde surgem nos períodos migratórios.

14

Edições INCM

Durante a primeira dinastia da monarquia portuguesa, nem todo o clero se regeu pelos grandes princípios canónicos e eclesiásticos e a literatura satírica medieval deixou bem claro como a prática de alguns clérigos ficou aquém dos ideais estabelecidos pela Igreja.

4

Documento

A história de Timor antes da chegada dos Portugueses é uma manhã de nevoeiro em que quase nada se deixa adivinhar. É sobretudo pela arqueologia, pela etnologia e também pela linguística comparada que conseguimos entrever algo do seu passado remoto.

18

Capa

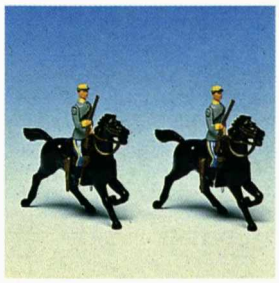
A data de nascimento de Fernando Martins Bulhões, ou melhor, de Santo António, não é conhecida com precisão. Mas quis a tradição popular que o Taumaturgo e Doutor da Igreja, adorado à escala planetária, nascesse a 13 de Junho de 1195, ou seja, há 800 anos.

7

Coleccionismo

Quando a Confederação dos Estados Unidos declarou a secessão e bombardeou Fort Summer, em 1861, pensava numa vitória fulgurante sobre os Estados do Norte. Estes também acreditavam num sucesso rápido. Enganaram-se: a Guerra Civil durou quatro longos e dolorosos anos.

25



Joalharia

Os Antigos diziam que o perfume nasceu de uma gota de sangue de Vénus. Luís XV adorava a «água de colónia». No início do séc. XX, dizia-se que bastava uma gota para a mulher atingir o estádio ideal. O perfume sempre foi um argumento fundamental no jogo da sedução.

12

Montra

Presentear-se ou oferecer aos outros objectos originais e de qualidade é prazimento para quem dá e para quem recebe. Eis algumas sugestões para todos os gostos e ocasiões.

28

Director: **Luiz Duran** / Director executivo: **Almeida Gonçalves** / Redacção: **Teixeira Gomes, Maria João Lopes** Fotografia: **Júlio Marques - Arquivo Fotográfico do Clube do Coleccionador** / Capa: **Santo António. Iluminura do «Livro de Horas de El-Rei D. Duarte» (Arquivos Nacionais/Torre do Tombo)** / Grafismo: **José Cândido** / Fotocomposição: **Serviço de Edições e Publicações dos CTT** / Montagem, impressão e acabamento: **Imprensa Nacional - Casa da Moeda.**

Direcção e Redacção: **Av. Casal Ribeiro, 28 - 6.º 1000 LISBOA** / Telefone: **574019** / Fax: **3536730** / Edição: **Direcção dos Serviços de Filatelia** / Propriedade: **CTT - Correios de Portugal, S. A.**

ISSN 0870-5887

Tiragem: **26 000 exemplares**

Distribuição gratuita e exclusiva aos sócios do Clube do Coleccionador dos Correios

O descobrim de Timor

1

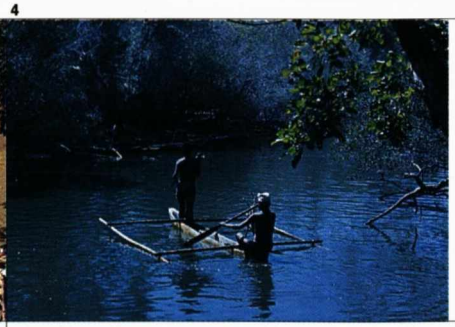
A história de Timor antes da chegada dos portugueses é uma manhã de nevoeiro em que quase nada se deixa adivinhar. É pela arqueologia, pela etnologia e pela linguística comparada que conseguimos entrever algo do seu passado remoto.

Os primeiros habitantes de Timor devem ter chegado à ilha durante as glaciações do Quaternário. O nível do mar era então mais baixo e toda a plataforma continental da Sonda, até ao estreito de Macaçar estava a descoberto. É por isso que nas ilhas mais ocidentais da Insulíndia, Samatra, Bornéu e Java, se encontram espécimes de grandes mamíferos da fauna asiática, como elefantes, rinocerontes, tigres e outras alimárias pouco embarcadiças.
O homem pôde também passar a pé enxuto até à ilha de Bali. Daí em diante as ilhas sucedem-se à vista umas das outras e o mar é quase sempre calmo, de modo que mesmo com meios muito rudimentares não é perigosa a travessia.

Esquematicamente falando, devem ter-se sucedido na região quatro vagas de povoamento, trazendo cada uma novas tecnologias e novas contribuições culturais. Primeiro devem ter passado populações afins dos actuais aborígenes da Austrália, que ainda vivem no mesolítico; mas o único vestígio que deixaram foi um tipo físico, que sobrevive ainda mesclado aos demais na população timorense actual. Em seguida, a partir de 3500 a. C., devem ter passado os Papuas, de tipo negróide, parentes dos que habitam hoje a Nova Guiné e as ilhas da Melanésia; deixaram provavelmente como vestígio arqueológico uma civilização neolítica, dita «do machado oval», por causa do seu artefacto mais característico. Em Timor esta migração deixou um tipo negróide, bem presente na população actual, e, caso único nas ilhas da Sonda, cinco línguas — o fataluco, o macalere, o macassai, o

3

4



1 Caixa de prata. Trabalho artesanal de Atsabe, na região de Bobonaro.

2 Pôr do Sol na montanha, em Haubá, Bobonaro.

3 Dança de roda nas festas do Arbiru, em Fatu Bui Cari, Atabae.

4 Pesca ritual de Bé-Malae num beiro (almadia escavada de um tronco, com balanceiro).

ento

2

mídic e o búnac — que ao contrário de todas as demais do Arquipélago não pertencem ao grupo malaio-polinésico e são por isso classificadas de papuas. Esta maior presença do elemento papua é um dos factores da especificidade de Timor em relação às vizinhas ilhas da Indonésia.

A migração principal, que modelou definitivamente a população de Timor e conferiu à sua cultura os traços essenciais foi, porém, a dos Austronésios. O seu tipo físico é predominantemente europóide; dir-se-ia que constituíam um ramo colateral da raça branca, tisnado, como os indianos, pelo sol dos trópicos. Começaram a difundir-se na Insulíndia uns 2500 anos a. C., e é a eles que, com toda a probabilidade, se deve a civilização «do machado quadrangular», neolítica como a «do machado oval», mas mais adiantada. Comportava já a cultura dos cereais, incluindo o arroz, a domesticação do búfalo e mais tarde a do cavalo, a olaria, a cestaria e a tecelagem. Um dos seus traços mais típicos é a construção de casas sobre estacas, como protecção da humidade do solo e defesa contra a bicharada. Outro é o uso da almadia ou piroga com balanceiros, tipo de embarcação extremamente simples, mas capaz de arrostar com o alto mar.

Foi graças a esse invento, de uso quotidiano em Timor como nas demais ilhas, que os incontáveis arquipélagos do Pacífico se foram povoando por populações neolíticas, enquanto o Atlântico permanecia deserto, à espera que os Portugueses o devassassem e colonizassem as ilhas dos Açores, Madeira, Cabo Verde e São Tomé para cobrar animação e vida. Ainda hoje a área de difusão da almadia com balanceiro coincide quase exactamente com o domínio geográfico da família linguística austronésica ou malaio-polinésica, a que pertence a quase totalidade das línguas da Insulíndia, incluindo o tétum e a maioria dos idiomas de Timor.

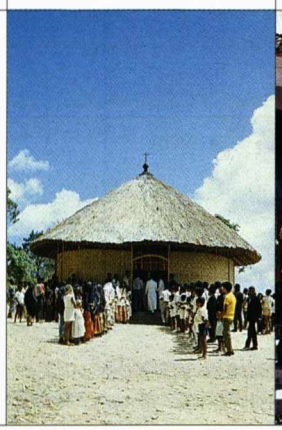
O uso dos metais deve ter-se difundido no Arquipélago a partir de cerca de 500 a. C., e é tentador relacioná-lo com uma nova migração, a das populações ditas por vezes deutero-malaias, de pilosidade fraca e feições arredondadas, que as aparentam à raça amarela. Esse tipo predomina hoje em Java e nas costas de Samatra e Bornéu, mas é menos encontradiço em Timor — de onde a facilidade com que se destingue um timor de um javanês. Levado ou não por essas populações mongolóides, o uso do bronze e do ferro atingiu o extremo oriental do Arquipélago e com ele, provavelmente, certas influências artísticas da península indochinesa, ainda hoje visíveis na arte popular de Timor.

Pronunciado *timor* ou *timur* consoante os dialectos, o nome da ilha significa «oriente» em malaio, javanês e outros idiomas da Insulíndia Ocidental. Ao princípio deveria designar genericamente todo o grupo de ilhas vizinhas, sitas de facto a leste da Península Malaia e de Java; mas com o tempo veio a aplicar-se especialmente à nossa ilha, talvez por ser a maior da região. Timor é, de facto, a maior das Ilhas Menores da Sonda e a sétima em área de todo o Arquipélago, depois de Bornéu, Samatra, Celebes, Java, Lução e Mindanao. Comparando-a com algo de mais chegado, diremos que a sua superfície quase iguala as da Córsega e Sardenha reunidas, ou que é maior que a Bélgica, mas um nico menor que a Holanda.

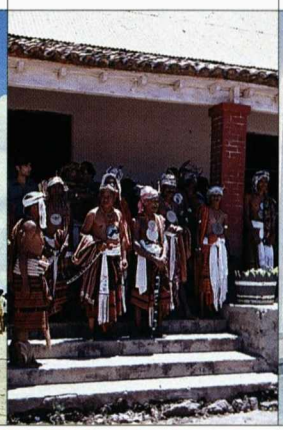
É curioso que em tagalo — a língua principal de Lução, oficial nas Filipinas — o nome que etimologicamente lhe parece corresponder, *timog*, não significa Leste mas Sul. E como em malaio o termo correlativo, Oeste, é *barat*, que parece vir de *Bhârata*, um dos nomes sânscritos da Índia, dá vontade de imaginar que Timor tenha sido desde sempre o nome da nossa ilha, ou das ilhas em seu torno, e que os Malaios tenham chamado *timur* ao Oriente, porque era a direcção em que lhes quedava Timor, como a Índia lhes quedava a ocidente; e que, pela mesma razão, os Filipinos tenham dado esse nome ao Sul...

Há que notar que, historicamente, a Insulíndia não tem a unidade que geograficamente aparenta quando a contemplamos num mapa. A metade ocidental, até aos estreitos de Macaçar e Lombok, é composta predominantemente por ilhas grandes, sitas não longe do caminho marítimo que liga a Índia à China, com grandes rios que permitem facilmente penetrar e comerciar no interior. A metade oriental, formada de ilhas mais pequenas, em geral montanhosas e ruins de andar, arredadas, para mais, das grandes linhas de navegação e comércio do mundo antigo, permaneceu até aos tempos modernos numa fase mais

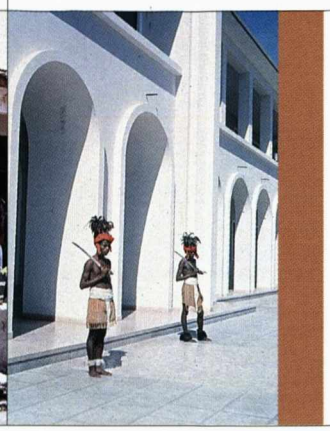
Inauguração da capela de Fatuc-hum, suco de Ai-siri-mou, em Aileu.



Chefes nativos de Maubisse, na despedida de tropas portuguesas (1972).



Guarda do Palácio do Governo, em Díli, nos anos 70, feita por «moradores».



Guerreiro timorense a cavalo e com lança, manufacturado por um artista de Lolotoe e fundido segundo a técnica da cera perdida.

arcaica de civilização. Os Portugueses foram encontrá-la de uma maneira geral na era do ferro, sem conhecer a escrita nem o estado, organizada em pequenas chefaturas, com uma religião animista baseada no culto dos antepassados — em suma, num estádio de civilização comparável ao dos Lusitanos ou dos Gauleses antes da conquista romana.

É verdade que existiam na Insulíndia Oriental produtos altamente apreciados, que em mais parte alguma se davam, e alimentaram, por isso, desde cedo um comércio regular. Tal foi o caso do cravo de Maluco e da noz-moscada dos cinco ilhéus de Banda. O cravo é já mencionado por Plínio, no século I da nossa era, sinal de que, através de Java, da Índia e do Mar Roxo, se alcançava o Ocidente; mas as ilhas onde nascia permaneciam na sombra, levando alguns geógrafos árabes da Idade Média a supor que se produzia em Java, para onde, de facto, o traziam os Jaus para o vender ao mundo.

Timor tinha também um produto rico a oferecer ao tráfico intercontinental, o sândalo branco, muito apreciado tanto no Extremo Oriente como na Índia, na Pérsia e na Europa.
O sândalo de Timor era reputado o melhor do mundo; a ilha não tinha, porém, pelo menos para os consumidores ocidentais, a importância exclusiva que tinham Maluco e Banda, pois ao contrário da noz-moscada e do cravo, o sândalo achava-se igualmente noutras partes, em particular nas terras altas do Sudoeste da Índia, em torno da actual Mysore. Não parece, assim, ter alimentado um tráfego tão regular como as especiarias dos dois pequenos arquipélagos e é certamente por isso que a influência malaia é em Timor menos sensível. Enquanto em Maluco, como se prova por exemplo pelo pequeno glossário coligido por Pigafetta na sua *Relação* da circum-navegação de Magalhães, o malaio se havia tornado já na língua corrente do comércio, em Timor esse papel continuou até aos nossos dias a ser desempenhado por um idioma local, o tétum; e ao passo que Maluco e Banda estavam já islamizadas quando entraram em cena os Portugueses, em Timor o islamismo não chegou jamais a penetrar.

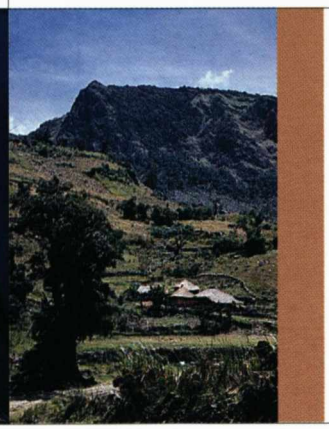
Um pouco diferente era o caso da China. O sândalo, usado como perfume no culto dos antepassados, era aí muito apreciado, mais talvez do que o cravo e a noz, que ao contrário da pimenta não têm papel de relevo na culinária requintada do Celeste Império. Singrando por entre as Filipinas, as ilhas Sulu e as de Maluco, Timor fica mais perto da China que os Estreitos, onde os Árabes se iam abastecer. Não admira que os Chineses tenham frequentado desde cedo as costas da nossa ilha. Já em 1225 o geógrafo Chao Ju Kua a menciona no seu *Chu Fan Chih* ou «relação integral sobre o estrangeiro». Mas é a Wang Ta-yüan, que escreveu por 1350, sob a dinastia mongol que Marco Polo conheceu na China, que se deve a primeira descrição relativamente circunstanciada de Timor:

As montanhas de Timor não produzem outra cousa senão sândalo, que é o que

Companhia de moradores (milícias autóctones), em Maubara.

Tais, pano de algodão tecido em teares de bambu com que os timorenses se cobrem.

Povoação de Tapó (Bobonaro) nas faldas do monte do mesmo nome.



aí mais abunda. É trocado por prata, ferro, chávenas, roupa dos países ocidentais e tafetás de cores. Há ao todo doze localidades que são consideradas portos. Outrora um certo Wu Chai de Chüan Chou mandou lá um junco a traficar, com um cento de pessoas a bordo. Por fim, de cada dez tinham morrido oito ou nove, enquanto que os mais dos outros estavam fracos e definhados. Então seguiram os ventos e tornaram. Que terrível cousa! Embora os lucros do trato nessas partes sejam de mil por um, que vantagem há em lá ir?

Timor entrava assim na literatura com a injusta fama de ser insalubre e de clima ruim. A verdade é que, com um pico que roça os 3000 metros e boa parte do solo bem acima dos 1000, o interior da ilha é fresco e assaz saudável. São as planícies costeiras, pantanosas e infestadas de malária, que são pouco acolhedoras; mas é aí que, por força, a navegação tem de acostar...
A população timorense, instintivamente, concentrou-se no interior, fugindo da costa tanto quanto pôde. Com a população empoleirada nas montanhas, defendida por uma cinta de mosquitos, Timor pôde assim viver em grande isolamento, até que a penetração portuguesa a ligou definitivamente ao mundo.

Seja como for, a mortandade dos homens de Wu Chai não desanimou os chinas: a quantidade de porcelana chinesa que ainda se encontra em Timor atesta bem a intensidade do seu comércio com o Império do Meio.

Em 1367, sob a conduta da dinastia nacionalista Ming, a China sacudiu o jugo mongol. Naturalmente, virou as costas à estepe para se debruçar para o mar. Foi o segundo imperador da dinastia, Yung Lo, quem tomou a peito tal política, ordenando, sob o comando do almirante Cheng Ho, uma série de expedições ao Grande Mar do Sul, que tiveram lugar entre 1405 e 1433. Os juncos imperiais, que então chegaram pela primeira vez ao Golfo Pérsico e à costa oriental da África, por pouco não descobrindo o caminho marítimo para a Europa, exploraram igualmente a Insulíndia e quiçá a costa setentrional da Austrália. Há nos relatos dessas expedições referências a Timor, a que chamam Ch'ih-men ou Chi-li Ti-wen; mas são infelizmente assaz lacónicas.

Mas já a pressão dos Mongóis sobre o império levava as autoridades a voltar de novo os olhos para o Norte, e transferir de Nanquim para Pequim a capital. Dispendiosas, as grandes expedições navais foram suspensas, e restringido o próprio comércio de mercadores privados nos mares do Sul. O reino de Malaca, criado em 1403, declarou-se em 1414, ao mesmo tempo que se convertia ao islão, vassalo do imperador chinês, e a China passou a abastecer-se aí do que importava do Ocidente e da Ásia tropical. As viagens de mercadores à Insulíndia tornaram-se por certo mais raras; pelo menos não há por então mais referências directas a Timor na documentação chinesa conhecida.

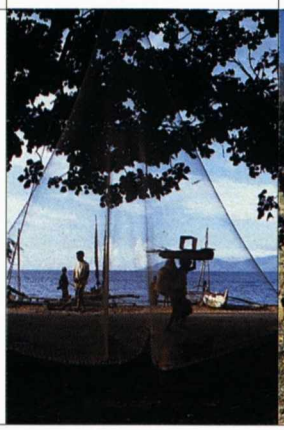
Assim, na segunda metade do século XV, quando o sultanado de Malaca comandava os fluxos mercantis do Arquipélago, eram os Malaios quem drenava para Malaca e aí vendia ao mundo o sândalo de Timor. Eram provavelmente os únicos forasteiros a frequentar a ilha — situação de que resta uma curiosa recordação linguística no termo vernáculo *malae*, que se generalizou no sentido de «estrangeiro, pessoa de fora da ilha», e se aplica hoje sobretudo aos Portugueses.

Foi em Malaca, da boca dos Malaios, que os Portugueses escutaram as primeiras novas da existência de Timor. Foi com base nelas que, por volta de 1515, Tomé Pires deu na sua *Suma Oriental* a primeira notícia pormenorizada acerca da nossa ilha, ainda muito misturada à da vizinha Sumba, também produtora de sândalo:

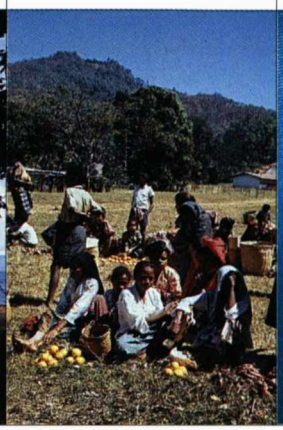
Antre as ilhas de Bima e de Solor se faz um canal grande por onde vão às ilhas dos sândolos; toda'las ilhas de Jaua pera diante se chamam Timor, porque na linguagem da terra *timor* quer dizer «levante», como se dissessem «as ilhas de levante». Por principal se chamam as ilhas de Timor estas duas donde vem os sândolos. As ilhas de Timor são de reis gentios. Nestas duas há grande soma de sândalos brancos, valem muito barato porque os matos nom tem outra madeira. Dizem os mercadores malaios que Deos criou Timor de sândalos e Bandam de maças e as de Maluco de cravo, e que no mundo nom é sabido outra parte em que estas mercadarias haja, somente nestas. E eu preguntei e enqueri deligentemente se estas mercadorias havia em outra parte e todos dizem que não.

O *Livro* de Duarte Barbosa, praticamente coevo, é, embora redigido no Malabar, um pouco mais preciso:

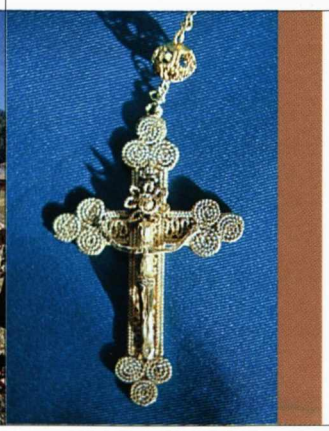
Santana, subúrbio de Díli. A pesca faz-se sobretudo à tarrafa em beiros.

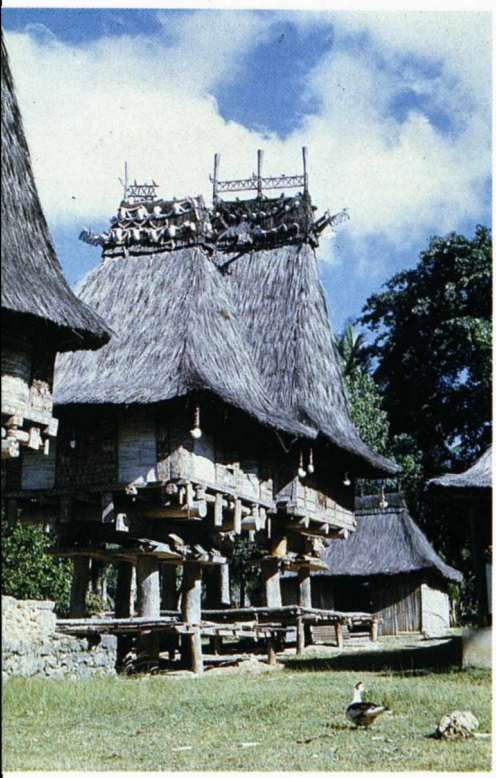


Os bazares são, além de um lugar de troca, um acontecimento social.



Cruz de um terço de ouro, de Atsabe, feito por um processo idêntico ao da nossa filigrana.





Casa típica em Loré, feita sobre estacas. O tecto, de gamute, abriga o celeiro.

Indo mais ao diante, leixando estas ilhas de Jaua Maior e Menor, ao mar delas estão outras muitas, grandes e pequenas, povoadas de gentios e mouros alguns, antre as quaes está ua que chamam Timor, que tem rei e língua sobre si. Nesta ilha há muitos sândalos brancos, que os Mouros muito estimam na Índia e Pérsia, onde se gasta muita soma deles, e tem grande valia no Malabar, Narsinga e Cambaia. As naos de Malaca e Jaua que aqui vem por ele levam por retorno machados, machadinhas, cotelos, espadas, panos de Cambaia e de Paleacate, porcelanas, continhas de cores, estanho, azougue, chumbo e outras mercadorias com que carregam do dito sândalo, de mel, cera, escravos e dalgua pimenta que na terra há.

Não se sabe ao certo quando chegou a Timor o primeiro navio português nem quem o tripulava. Deve ter sido em 1515. A armada de António de Abreu, que, após a conquista de Malaca, Afonso de Albuquerque despachou para Banda e Maluco, zarpou em 1512, mas costeou pelo Norte as ilhas das Flores e de Alor, e não deve por isso ter avistado Timor. Foi certamente com base em informações fornecidas pelos pilotos malaios da frota que o cartógrafo Francisco Rodrigues, que seguia a bordo, desenhou num dos seus mapas, de forma aproximativa, a ilha de Timor ao sul daquelas. Parece que em começos de 1514 se não visitara ainda a ilha. Com efeito, escrevendo a D. Manuel, no Dia de Reis desse ano, ainda Rui de Brito Patalim, primeiro capitão de Malaca, afirmava:

Timor é uma ilha além de Jaua, tem muito sândalo, muito mel, muita cera; nom tem juncos pera navegar; é ilha grande, de cafres; por nom haver junco nom foram lá.

E em carta da mesma data a Albuquerque:

A Timor quisera mandar e por nom ter junco nom foram esta moução lá; pera o ano, prazendo a Nosso Senhor, irão lá, pera trazerem o sândalo; é muito boa navegação.

A monção favorável para navegar de Malaca para a Insulíndia Oriental era o inverno do hemisfério norte, ou seja, de Novembro a Março. Rui de Brito não deve ter podido pôr em prática o seu desígnio, pois era em Junho desse ano substituído como capitão por Jorge de Albuquerque, sobrinho do governador. Foi talvez este, ou Jorge de Brito, que por seu turno o substituiu nos últimos dias de 1515, quem mandou o primeiro junco português a Timor.
De qualquer modo, em 1518 era já navegação habitual, pois o capitão de Malaca, Afonso Lopes da Costa, escrevendo a El-Rei, a 20 de Agosto desse ano, alude por duas vezes à importância como escala do porto de *Agaçy*, ou seja, Geresik em Java Oriental, «por onde os nossos juncos vão e vem pera Timor, Banda, Maluco».

Ao contrário do comércio de Maluco e Banda, que foi declarado monopólio régio, o de Timor permaneceu livre, e é por isso que não abunda a documentação sobre a ilha nestes primeiros tempos. Para as ilhas da especiaria navegavam, em princípio, apenas navios de Sua Alteza; e os seus capitães iam informando o soberano de quanto se

Guerreiro, de bronze, manufacturado pela técnica da cera perdida, em Lolotoe.

ali passava. A Timor iam mercadores privados, que não deixaram arquivos nem tinham de prestar contas. Foi um grupo deles, que ali haviam ido com vários juncos a carregar sândalo, que, em 1522, aprisionou e trouxe para Malaca dois castelhanos da armada de Fernão de Magalhães que lá encontraram no junco de um mercador lução.

Magalhães não havia pensado em dar a volta ao Mundo, mas somente em atingir pelo outro lado do globo as ilhas de Maluco e provar que caíam, pelo Tratado de Tordesilhas, na demarcação de Castela. Mas o que restava da sua frota quedava tão destroçado que Sebastião de Elcano, que assumiu o comando da expedição após a morte de Magalhães em Cebu, nas Filipinas, preferiu arriscar-se às represálias e fazer a viagem de retorno pela rota portuguesa do Cabo, mais curta e mais segura. O que se previa ser uma viagem de ida e volta pelo Pacífico transformou-se assim na primeira circum-navegação do globo, e daí a celebridade da expedição, de que há quase uma dezena de relatos, dois dos quais circularam impressos pela Europa logo a partir de 1523. O mais conhecido, mais rico e mais famoso é o de Antonio Pigafetta, um veneziano que participou na aventura.

É da *Relação* de Pigafetta que faz parte a mais completa informação sobre Timor que nos chegou da centúria de Quinhentos:

Partimos da ilha de Malua no sábado 25 de Janeiro de 1522 e no domingo 26 chegámos a uma ilha grande que dista cinco léguas daquela, a su-sudoeste. Fui a terra só para falar ao homem principal de uma vila chamada Amabon, a fim de que nos desse vitualhas. Respondeu-me que me daria búfalos, porcos e cabras; não pudemos, porém, chegar a acordo porque queria muitas coisas por um búfalo.

Constrangidos pela fome e porque tínhamos pouco para dar, retivemos a bordo um dos homens principais de outra ilha chamada Balibó e um seu filho. Com medo de que o matássemos, deu-nos logo seis búfalos, cinco cabras e dois porcos e, para completar o número de dez porcos e dez cabras, outro búfalo. O resgate fora fixado assim. Mandámos depois pô-los em terra, contentíssimos com os presentes recebidos de linho, panos da Índia, de seda e de algodão, machados, faquinhas indianas, tesouras, espelhos e facas.

O senhor com quem fui falar era servido somente por mulheres. As mulheres andam, como as outras atrás referidas, todas nuas; trazem pequenos brincos de ouro com fios de seda pendentes, nas orelhas. Nos braços, até aos cotovelos, têm muitas manilhas de ouro e de latão. Como as mulheres os homens andam nus, usando apenas certas coisas de ouro, redondas como um trincho, amarradas ao pescoço; no cabelo usam pentes de cana enfeitados com anéis de ouro. Alguns trazem nas orelhas, seguros por anéis de ouro, gargalos de cabaças secas.

Esta é a única ilha onde se encontra o sândalo branco. Também há ali gengibre, búfalos, porcos, cabras, galinhas, arroz, bananas, cana doce, laranjas, limões, cera, amêndoas, outras coisas e papagaios de diversas cores.

Os quatro irmãos que são reis desta ilha vivem no outro lado da mesma. No sítio onde nós estávamos havia algumas povoações onde residiam alguns dos homens principais. São os seguintes os nomes das quatro localidades que os reis habitam: Oibich, Lichsana, Suai e Cabanaza. Obich é a maior.

Disseram-me que num monte em Cabanaza há bastante ouro e que os habitantes compram todas as coisas com pedacinhos daquele metal. Todo o sândalo e cera transaccionado pelos de Java e Malaca provém destes sítios. Encontrámos aqui um junco de Lozon, vindo para negociar em sândalo.

Estes povos são gentios. Quando vão cortar o sândalo, disseram-nos, aparece-lhes o demónio sob várias formas e diz-lhes que lhe peçam qualquer coisa de que necessitem. Esta aparição deixa-os doentes uns quantos dias. O sândalo corta-se em determinada fase da lua; de outra forma não seria bom.
As mercadorias que ali se permutam pelo sândalo são panos vermelhos, linho, machados, ferro e pregos.

Esta ilha, toda habitada, é muito comprida no sentido levante-poente e pouco larga na direcção norte-sul. Está na latitude de dez graus do polo antártico e em cento e setenta e quatro graus e meio de longitude da linha de demarcação. Chama-se Timor.

Será necessário esperar pela chegada dos missionários para termos mais novas de Timor. Foi a eles e não aos mercadores, que iam e vinham sem se radicar na ilha, que se deveu o enraizamento da influência portuguesa. Virgens ainda do dedo de Mafoma, ao contrário de Maluco, as ilhas das Flores, Solor e Timor pareceram-lhes um bom campo de apostolado. O primeiro a chegar, em 1556, foi um franciscano, Frei António Taveira, que conseguiu de facto converter numerosos nativos. Foi o que animou o primeiro bispo de Malaca, D. Frei Jorge de Santa Luzia, frade dominicano, a enviar em 1561 para as ilhas de Solor e Timor missionários da sua ordem. Foram estes que, para se defender dos Holandeses, chegados ao Arquipélego em 1596, e dos Macaçares convertidos ao islão em 1603, ergueram na ilha os primeiros fortes. Entretanto, os régulos convertidos ao catolicismo, também eles receosos dos novos invasores, começavam a declarar-se vassalos del-rei de Portugal.

Mas essa é já, na história de Timor, uma página assaz diferente...

Texto e fotos de LUIS FILIPE THOMAZ